

O diluvio.—Quadro de Poussin.—Gravura de Coelho.

O Senhor prometteu exterminar da superficie da terra o homem que tinha creado, e tudo o mais desde o homem até aos animaes, tanto os que se rojam pela terra como os que esvoaçam no ceu, porque chegára a arrepender-se de os ter creado. Assim o diz o capitulo VI do Genesis.

Chegado o tempo de se cumprir pelo diluvio a promessa suprema, a inundação cresce como phantasma gigante; a trombeta fatal a todos assigna o termo da existencia, e repercute na densa escuridade que cega, nas nuvens que de si escorrem mares, nas nevoas que embriagam. As sombras fecham o firmamento. O sol e as estrellas encobrem-se para sempre. Só passageiro relampago ousa lampejar n'essa scena de terrores. Só os raios rasgando as nuvens vem alumiar esse espectaculo de tremenda destruição. Quanto havia nos plainos desapparece. Tufões negros derrancam o que ha nas montanhas, levam tudo aos ares em medonho rodopio, brincam com molles immensas, e, como se agitassem e baralhassem no espaço as folhas sêccas do estio, em vortice rapido mandam tudo ao abismo.

O mar rompe seus diques. As fontes convertem-se em torrentes. São mares os rios, que trasbordam furiosos, que se espraiam pelos campos, que tudo derribam e arrebatam. Plantas, gados, gentes, habitações, que é d'elles? Terra e mar já se confundem. Tudo é mar: o mar já não tem praias. Já poucos restam. Que foi feito de paes e irmãos? A todos vae chegar a hora da confusão e do naufragio. Tudo vae perecer n'esse lago infinito.

Soberbas torres de marmore tremeram, e rotas, e alluidas, cairam nas ondas. Campos, que foi feito d'elles? Trabalham remos onde puchavam a charrua. Sobre campos de messes e aldeias subvertidas boiam embarcações desmanteladas. Bosques e edificios tudo jaz. Até as rochas escarpadas, combatidas das vagas se despenham no pelago. Já torreões de espuma cobrem as serras. As ondas fremem nos mais fragosos picos. Vagas medonhas, alumiadas pelos raios, sobem até ao cume das cordilheiras. Cada uma rola comsigo milhões de cadaveres. Os fugitivos que vão de praia em praia sem descanço são atropellados pelos mortos. Quando os infelizes crêem ter conquistado um refugio, mais ligeiras do que elles galgam as ondas e lh'o disputam.

Gritos de afflicção e brados lastimosos eccoam nos ares. São das victimas que na maior agitação e agonia trepam por montes alcantilados, e se cançam em vão, porque já não ha refugio. A onda que alaga os pés é para todos eterna e irremissivel sepultura.

Já para as aves, que esvoaçam anciadas, não ha terra em que descancem o vôo. Exhaustas de forças cáem na agua e alli acabam. Que farão já agora os poucos homens que ainda podem restar, quando a aguia succumbe? Lobo e ovelhas ahi andam juntos. Por sobre os mares boiam leões e tigres. Toda a humanidade perece. Só a grande arca, que guarda as reliquias das especies, boia agitada por sobre o cataclismo!

....

Tal é o assumpto do quadro de Poussin, que agora

reproduzimos pela gravura. Pretendendo pintar a terra entregue á distruição, se assim nos podêmos expressar, nunca formulou o seu pensamento de modo mais elevado. Quiz mostrar o homem a braços com a morte no meio da natureza desolada e conseguiu-o; particularisando com admiravel arte o desastre universal, que fulminou a especie; podendo mesmo dizer-se que quasi representou os seus periodos successivos, sem violar a unidade geral da composição.

Sobre a barca que se submerge, aquelle velho que de pé vê imminente a morte, com as mãos levantadas para o ceo invoca pela derradeira vez o nome do Senhor. O filho precipita-se para elle, cinge-o com braço vigoroso, e prepara-se ainda para luctar com as aguas prestes a engolil-o. D'aquella outra barca que acaba de tocar em terra, o homem que subiu pela margem, esforça-se por salvar a familia do furor das ondas coalhadas de destroços, e debruçado do rochedo estende braços tremulos á criança, que a mãe eleva com anciedade.

Poussin sabia a um tempo fazer sentir e pensar. Reproduzindo estas scenas terriveis, não lhe esqueceu trazer á memoria a sua origem, dando-lhes por isso um caracter de religião e de grandeza. No primeiro plano do quadro, sobre um rochedo deserto mostra-nos a serpente fugindo diante das aguas. É assim que prende engenhosamente o diluvio, á tentação e á quéda de Adão. A celeridade da serpente parece luctar com a rapida ascenção das aguas, e entretanto o reptil tentador não escapará á morte.

O quadro do Diluvio, é com tres outros quadros da mesma grandeza, que se vêem na galeria do Louvre, sequencia das quatro Estações. Foi para o duque de Richelieu, que Poussin os pintou. O mais celebre e o mais bello d'elles é este do Diluvio, que caracterisa o pintor na profundidade do pensamento, na clara expressão digna do genio francez, na sua tão rara faculdade de invenção, que nenhum pintor possue no mesmo grão. A execução corresponde a tão altas qualidades, ainda que deixa perceber alguma fraqueza na mão.

Começadas em 1660 as Estações, que são a sua ultima obra, só foram acabadas em 1664, um anno antes da morte de Poussin.

PRASOS DA COROA EM RIOS DE SENA.[1]

Por via de regra, desde outubro até fevereiro, e mesmo em parte de março, é o tempo mais critico para os cafres, porque a ambição os leva a venderem tudo quanto lhes produziu a colheita. Esquecendo-se absolutamente do inverno, não reservam provimento algum para elle, ou o fazem tão pequeno que lhes não chega. Quando se lhes acaba vivem de raizes, fructos silvestres, e ervas cozidas. N'estas circunstancias o cafre come tudo quanto apanha, raizes, ervas, fructos desconhecidos, e animaes por mais repugnantes que sejam; nada escapa á sua voracidade esfomeada. O cafre está então reduzido a um perfeito esqueleto ambulante; nem mesmo nas nadegas tem carne.

Em tal epocha do anno é mui vulgar, em povoações que puderam conservar algum mantimento, porque o não venderam, e foram mais previdentes, virem para ellas d'estas mumias animadas, escaparem alli á fome, restabelecerem-se, e tornarem ao antigo estado de robustez. Estes negros são considerados escravos da fome, e propriedade de quem lhes deu o sustento. O direito em que para isso se fundam é que se não achassem quem lhes désse alimentos morreriam, e por isso pertencem a quem lh'o deu porque os salvou. É tambem muito vulgar, n'estas circunstancias, o *quebrar-milete*, que vem a ser rasgar o cafre um panno, ou quebrar uma panella, ou fazer outro qualquer damno ou prejuizo por pequeno que seja, para por esse facto se constituir escravo voluntario d'aquelle a quem o fez.

Passada a epocha critica, já referida, e quando as cearas começam a deitar espiga, já então acham com que alimentar-se. Comem as vagens do feijão cozidas em agua, a abobora da mesma sorte, posto que tenha apenas a terça parte do seu crescimento, e o milho ainda em leite, mas cru, a que chamam *mucôço*, indo successivamente melhorando de passadio até á colheita. Durante os mezes da escacez, valem-se da insua, de ratos, e de tudo quanto podem haver para se alimentarem.

A colheita faz-se apanhando espiga por espiga cortadas com faca, depois de sêccas. Para a debulha estendem a quantidade sufficiente na eira, e 3, 4, etc. negras, sentadas em torno, cada uma d'ellas munida de dois paus, cada um em sua mão, com elles malham as espigas até tirarem d'ellas todo o grão.

O systema e uso de administração dos prasos da coroa que já descrevemos era o seguido em Tete, e nas outras povoações de Sena, e Quillimane. Havia algumas alterações n'estes usos, mas de pouca differença, como por exemplo, em Tete chamarem *fumo*, ao que em Sena chamavam *inhacuava*: em Tete chamarem aos colonos *butongas*, em Sena *mucenzes*: em Tete chamarem ao tributo *muprere*, em Sena *muconco*, etc.

O emphyteuta quando recebia a mercê taxavam-lhe logo o tributo que devia pagar annualmente á fazenda, cuja especie era exclusivamente a do oiro em pó, e sempre duas partes distinctas, uma com a denominação de foro, e outra com a de dizimo. Era mais obrigado a contribuir sempre com escravos, tanto para obras publicas, como para expedições, etc. segundo as precisões do estado. Os prasos que ficavam em comisso voltavam á administração da fazenda, e eram arrendados (como ainda hoje são) em hasta publica, por um anno. Findo elle, iam outra vez á praça, e assim successivamente.

Este tem sido o systema que mui poderosamente tem concorrido para reduzir os prasos ao estado em que estão, juntamente com o fazerem as mercês d'elles a individuos que estão fóra do districto, e mesmo da provincia, desfructando os rendimentos que os rendeiros lhes pagam, não tratando por isso se não de tirar d'elles quanto podem, e por todos os meios que imaginam, inventando todos os dias novas rapinas. Estas tem sido as causas principaes de estarem uns dos prasos desertos, outros invadidos, e todos elles de facto fóra do dominio portuguez, o que desde já declaramos, sem remedio, em quanto se seguir o mesmo systema governativo.

As cartas de sesmaria tinham a declaração de que, quando o governo houvesse de estabelecer ou fundar villa, logar, familia, ou qualquer estabelecimento no praso, se faria nos foros e dizimos, o abatimento correspondente.

Quando a população branca, em Rios de Sena, era crescida, e os prasos estavam debaixo do absoluto dominio portuguez, era maior o numero dos habitantes que não tinham prasos, do que o dos que os tinham, e era por isso que elles eram mui rendosos. Talvez de então date o começarem a havel-os por soborno. Hoje estão todos invadidos; não temos dominio algum n'elles. Os que eram de mais rendimento, os emphyteutas com a esperança de que ainda um dia poderiam ser reconquistados tem-se conservado na sua posse, pagando dois tributos, um á fazenda, e outro aos invasores, para consentirem que

[1] Continuado de pag. 63.

os seus escravos lá estejam, e cultivem, mas estão continuamente sujeitos a vexames, e roubos.

A lei da abolição dos prasos segundo a nossa opinião nada remedeia, antes talvez aggrava o mal, porque, como fica dito, os emphyteutas á força de despezas e sacrificios, procuravam conservar a posse, o que deixam de fazer com a execução da lei, e assim ficam no inteiro dominio dos cafres invasores. A lei foi abolir o que de facto não possuiamos. Parece-nos que o remedio mais proficuo em taes circunstancias fora, depois de conquistados e reduzidos de novo ao dominio portuguez, proceder-se primeiro ao tombo de todos elles, organisar o tombo foral, que não existe, dando aos prasos mais ou menos extensão, segundo a sua qualidade, e assim darem-se em fateosim perpetuo, fazendo reviver a instituição original, isto é, darem-se só para dote de orfãs de empregados que lá tivessem servido, para viuvas nas mesmas circunstancias, e ainda mesmo a qualquer individuo, com a condição explicita de fazer n'elles estabelecimentos agricolas, em praso determinado, findo o qual sem cumprimento d'esta clausula reverteriam á fazenda. Em todos os casos, e como condição principal, devia estabelecer-se que nenhuma mercê seria valida, se o emphyteuta se não estabelecesse no seu praso, e de fórma alguma se consentiria que o arrendasse. Devia estabelecer-se uma escrupulosa fiscalisação das auctoridades locaes para vigiar e reprimir os abusos que o emphyteuta porventura podesse commetter na administração do praso, fiscalisação cuja responsabilidade fosse effectiva, real, e justa, e se não tornasse mais um meio de rapacidade em proveito particular dos proprios fiscaes.

A abolição dos prasos poderia convir, e até ser uma providencia muito salutar quando a população de raça branca fosse grande, e por isso precisasse estender-se: entretanto nas circunstancias em que ella está, podendo-se calcular seguramente um individuo de raça branca para 20, ou 30 milhas quadradas de terreno, e este ainda assim fóra do dominio portuguez, parece-nos que da reforma se não podem humanamente esperar resultados vantajosos.

Os terrenos d'esta parte d'Africa são fertilissimos, mas não estão no caso de tomar-se uma parte d'elles para formar qualquer estabelecimento agricola, porque é preciso ter logar para estabelecer escravos, para pastos, cortes de madeiras, e para as differentes culturas que demandam differentes terrenos. Acresce a isto a difficuldade que haveria na colheita, que antes de feita toda seria destruida pelos ladrões, e animaes do monte.

O que dizemos de nada serve continuando como estão hoje as nossas chamadas villas de Sena e Tete, perfeitos aduares de pretos, sem população branca, como egualmente acontece ás outras da provincia. A primeira providencia que conviria tomar, era promover a sua população por meio de colonias, que as tirassem do abandono em que estão por falta de gente. Em 1830 conhecemos em Sena, além de muitos outros, seis moradores principaes a quem se calculava uma fortuna, pelo seu movimento, para mais de 800 contos. Uns vieram para a Europa, outros falleceram, e estas fortunas desappareceram. Hoje talvez em toda a povoação não haja o fundo de 20 contos.

A proporção que a população fosse tendo incremento dever-se-hiam ir subdividindo os prasos, conforme a colonisação branca o reclamasse.

Alguma cousa podiamos dizer sobre as novas colonias de Bazaruto, e Pemba, mas calamo-nos muito de proposito. Referimo-nos ao que fica dito das chamadas villas abandonadas. Muito folgaremos, porque somos portuguezes, e conhecemos a importancia da nossa provincia oriental d'Africa, que appareçam resultados reaes, que se não limitem a pomposos relatorios feitos a tres mil legoas de distancia. Faltam-nos attributos para profetas, e por isso não adiantamos mais palavra sobre os resultados que a nossa experiencia nos faz antever. Fazemos votos para que de todo nos enganemos nas nossas conjecturas, feitas em todo o caso de boa fé.

GAMITTO.

HOJE POR TI, ÁMANHÃ POR MIM.

Era no anno de 1653.

O grande relogio da Torre de Londres acabava de dar onze horas da noite, O tinir de chaves e o correr de ferrolhos annunciavam que o carcereiro passava aos presos a ultima revista.

N'um dos calabouços mais frios e escuros jazia por delictos politicos um poeta bem conhecido. Era Davirant.

A lembrança da decapitação de Carlos I ainda estava fresca, e Cromwell queria que o povo fosse adherindo á nova ordem de cousas, para que não tivesse que queixar-se por haver perdido a monarchia dos Stuarts, que elle tão destramente destruira.

N'aquella noite e n'aquella Torre, Milton apresentou-se na prisão de Davirant, que já o esperava. O auctor do *Paraiso Perdido* era secretario do Protector.

— Cumpriste a promessa (disse com amargura o poeta encarcerado, ao poeta que entrava). A tua posição elevada não te fez esquecer ainda os deveres da amizade. Agora vejo que sabes obrar como amigo, como cavalheiro, e como poeta. Com effeito a republica será mui boa, mas porque na Escocia não adheri ás suas hostes, e não as acompanhei ás batalhas entoando como Tirteu hymnos aos deuses da guerra, arranca-me a lyra, e lança-me no fundo d'uma masmorra! Mas nem assim me obrigará a ser perjuro! Oh! se eu estivesse em liberdade!

— Sairás livre (lhe tornou Milton) ainda que a tua obstinação pudéra ter-te sido fatal, se não intercedesse por ti. Porque não serás republicano?

— Porque era amigo de Carlos Stuart, e a elle devi a minha elevação.

— Sempre invocação ao rei, e nunca invocação ao povo! Todos os cegos partidarios da auctoridade são assim!

— Milton, não venhas ensinar-me politica a taes deshoras....

— Não, não venho, mas lembra-te que primeiro houve povos do que reis; e que, como diz Cicero, «o homem não nasceu para si só, mas para o bem da republica.»

— Lindo thema para compor a epopea da democracia (exclamou Davirant com jovialidade).

— Não sejas ironico (continuou Milton). Sempre queres ser livre?

Ao ouvir isto Daviran lançou-se nos braços do secretario do Protector, e exclamou:

— A liberdade, a independencia! Sim faze com que me restituam tudo isso!

— Pois aqui tens assignada uma ordem de soltura.

Ao ver aquelle papel que para o poeta realista era a vida, e mais que a vida, Davirant desentranhou-se em lagrimas como uma criança. Depois acrescentou:

— Obrigado Milton, talvez que ainda te pague com usura tão singular favor.

— Nada me deves. Agora podes já contemplar o ceu, aspirar a brisa embalsamada do valle, escutar o murmurio da torrente.

— Sim, sim! E tudo isso póde inspirar versos que façam a delicia das nossas *ladys*.

Passaram sete annos. Os excessos de Cromwell e

as machinações dos realistas, que ainda que elle fosse um Pericles não teriam deixado de guerreal-o, deram em terra com o seu governo. D'aqui o restabelecimento da dinastia, que o Protector derribára e mostrar-se o partido realista por seu turno, arrogante e fero, com os que outr'ora tinham sido vencedores. Harrison, e Thomaz Scott foram decapitados. Outros só conseguiram salvar-se d'uma vingança atroz fugindo para a Nova Inglaterra. Milton, que era demasiadamente temido pelo seu caracter leal, pelo seu amor não aos *homens*, mas ás *cousas*, pelo seu talento e tendencias democraticas, foi encarcerado na Torre de Londres em 27 de junho 1660. Era demasiado forte para vergar. Antes que trahir a sua causa atrevera-se Milton a beber a cicuta dos Socrates, ou tragara os carvões dos Porcias.

Uma noite, no mesmo anno, apresentou-se um velho na prisão do poeta. Recitando versos do *Paraiso Perdido*, Milton tinha o rosto radiante de enthusiasmo, e completamente esquecido da sua situação, revelava prazer.

O velho recem-chegado contemplou-o alguns instantes.

— Que serenidade! (disse elle entre si). A desgraça não faz a menor impressão n'aquelle grande animo! O preso pareceu ouvir estas palavras.

— Quem me interrompe? (exclamou elle, pondo-se em pé).

— Um realista, que se compadece de ti, e quer ser-te util.

— Mas que pontos de contacto pódem haver entre um realista e um republicano? Vens por ventura comprar-me? Não sou Monk nem Waller. Dize ao teu soberano, que Milton prefere a morte a seguir o exemplo dos traidores. Onde está Cromwell, Harrison, Sidney, Scott, Carew, Astell, Fleywood? Que é feito d'essa pleiade, que ia levantando um monumento que faria a admiração dos seculos vindouros? Tudo se eclipsou como o astro da noite com o denso nevoeiro da tempestade!

— Não desesperes. Recorda-te que Cromwell era um dictador, um homem astuto, hypocrita, fallaz...

— Cromwell nada significaria depois da republica estar segura e assente nas bases indestructiveis da soberania nacional. Que é um homem em comparação d'uma instituição salvadora? Um homem não póde algemar a patria porque o povo está a cima de todos o prud'homens. A nullidade ou criminalidade d'um não póde servir de pretexto para desvirtuar a instituição que é como a verdade!



Padre boudhista e rapaz siamez de tranças (fumantes de opio).

— Não te cegue o enthusiasmo, Milton. A Inglaterra será feliz sem recorrer a fórmas democraticas, barbaras reminiscencias da Grecia, e de Roma, que não quadram bem ao bom senso dos nossos inglezes. Dize-me: queres sair d'aqui?

— Enganas-te.... Como póde o teu soberano esquecer que eu fui secretario de Cromwell? Carlos II tudo me arrancou. Já agora nada me resta senão a morte, que esperarei tranquillo.

— Mas quem te despojou da fortuna, não póde despojar-te do talento.

— E de que me servirá o talento? (lhe tornou Milton). Como morreram Spencer e Shakespear? Não vendi já o trabalho de dez annos, seis mil versos, não menos, d'uma obra d'algum valor talvez, por cinco guineos (24.000 réis) a Samuel Symous?

— Não desanimes com isso. Trata de viver, se não por ti, pela tua familia ao menos.

— É verdade que tenho mulher e tres filhos.... Isto dizendo o pobre cego começou a soluçar de modo que enterneceu o recem-chegado, que lhe disse:

— Então queres ou não sair d'aqui?

— Sairei se fallas de veras, mas sem aviltar-me.

— E podes crer que viria impor-te condições deshonrosas o poeta que salvaste em 1653?

— Pois és tu William? (exclamou Milton com aquelle acento de gratidão só proprio de almas grandes e generosas).

— Sou eu mesmo, que venho salvar-te. Estás livre.

Os dois poetas abraçaram-se com effusão. Davirant que era sensivel e extremamente expansivo, ao fixar sobre os olhos de Milton os seus, arrasados de lagrimas, disse comsigo:

— Pobre cego, pobre poeta! Que fará agora sem vista? Quem o sustentará?

Mas o cego que só escutava, como todos os grandes homens, a voz do coração, apenas exclamou ao sair da prisão:

— Ainda bem, que poderei concluir o meu *Paraiso Perdido!*

SIÃO, E OS SIAMEZES.

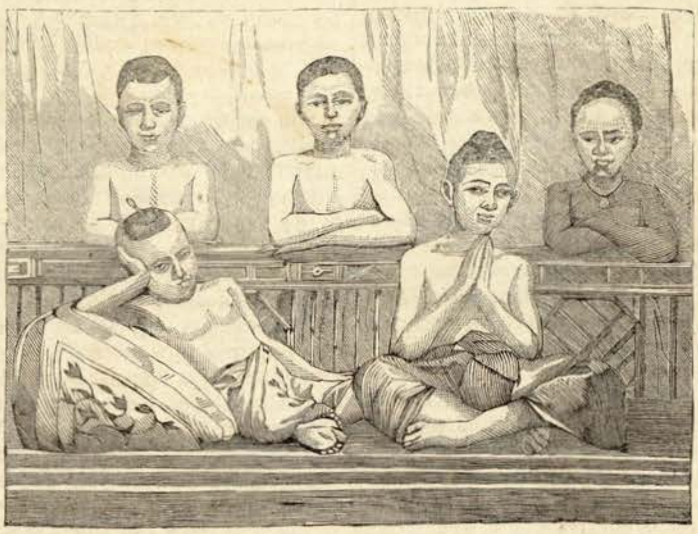
O nome de Sião (entre os indigenas *Sayam*) com o qual se designa hoje um dos reinos mais importantes da India além do Ganges, era primitivamente o de uma raça de homens de côr bronzeada e aspecto mogol, que se estabelecêra nas margens do rio Mê-nam *(Mar das aguas)* e nos paizes convisinhos.

Agora os siamezes se dão a si mesmos o nome de thaï, (isto é, *homens livres*) provavelmente em commemoração da sua libertação do jugo de Camboja no reinado de P'ra-Ruang, cerca do anno 650 da nossa era.

Depois do estabelecimento dos europeus nas costas de Sião, tem o reino restringido os limites do seu territorio, do qual muitas porções importantes tem passado para o poder britannico. Entretanto no estado actual não deixa de apresentar ainda uma vasta superficie, comprehendida entre 96° e 103° de longitude oriental do meridiano de Paris, e 5° e 22° de latitude boreal.

Dois reis governam o reino de Sião. P'ra-Borom-Inthara-Maha-Mongkut, actualmente primeiro rei, e entre cujas mãos se acha realmente o poder, é de caracter mui liberal, e mui amigo do progresso. Acolhe com benevolencia os estrangeiros que entram no seu reino; tolera egualmente as religiões novas, protege-as mesmo, logo que chegam a tomar certo incremento. As sciencias da Europa excitam vivamente o seu interesse. Segue o progresso d'ellas com prazer e solicitude, lendo as obras europeas que alcança. Comprehende perfeitamente a lingua ingleza, e até a escreve com muita correcção. Graças aos melhoramentos realisados entre os siamezes no reinado d'este grande soberano, o reino de Sião póde ser que mais cedo que nenhum outro estado venha alliar-se á grande familia das nações occidentaes. O ultimo tratado concluido em Bangkok em 18 de abril 1855, entre a rainha da Grã-Bretanha, d'uma parte, e os dois reis de Sião da outra, representados por plenipotenciarios inglezes e siamezes, para isso nomeados pelos seus respectivos governos, e redigido segundo as formas consagradas na diplomacia europea, contém clausulas, que não podem deixar de augmentar as relações da Europa com aquelle grande estado da India transgangetica.

O segundo rei de Sião, que não é outra cousa senão o primeiro ministro do reino, tem o titulo de Vangna. O que actualmente desempenha estas funcções chama-se P'ra-Parawendo-Ramese-Mahiswares, e, assim como o primeiro rei, habita Bangkok. Esta capital do reino não era mais que simples aldêa (cujo nome siamez até quer dizer *aldêa das oliveiras bravas*) quando Youthia era residencia real. Esta ultima cidade, fundada pelo rei P'ra-Ya-Outhong, representou grande papel nos annaes de Sião. É banhada pelas aguas do Mé-nam, cujo curso magestoso parte das montanhas do Yunnan, na China, per-



Escholares siamezes.

corre o paiz de Tchiengmay, que depois deixa para se enriquecer com o tributo de mui largas ribeiras, com as quaes vae inundar a planicie que submerge e fertilisa, até que em fim a deixa para ganhar o Oceano, oito legoas ao sul de Bangkok, que no seu curso atravessa egualmente.

O estado actual da civilisação dos siamezes não nos é desconhecido depois da curiosa e recente publicação de Pallegoix, bispo de Mallos, vigario apostolico de Sião, intitulada *Description du royaume Thaï ou Siam*. É esta obra curiosa, que nos inicia nos usos e costumes dos siamezes, tanto na sua vida publica, como na sua vida privada. Contém numerosos pormenores sobre a religião, litteratura, historia, sciencias geographicas e naturaes, legislação, commercio, e industria dos thaïs.

«Esta nação (escreve mr. Pallegoix) distingue-se pela sua doçura e humanidade. Na capital que é mui populosa, raramente ha disputas serias. Um homicidio é olhado como accidente mui extraordinario, e muitas vezes passa todo um anno sem que tenha havido nenhum. Os thaïs recebem os estrangeiros com benevolencia; são mui zelosos em procurar o bem estar aos viajantes; á sua custa fazem os particulares caminhos de tijolo e pontes de madeira; de distancia em distancia, ao longo das margens, edificam salas de asylo, onde os viajantes podem obrigar-se, cozinhar, e passar commodamente a noite. As mulheres levam o seu cuidado até encherem d'agua todos os dias uma grande jarra, posta ao longo da estrada para matar a sêde ao viajante. Não é sómente com os homens, mas tambem com os animaes, que os thaïs exercitam a sua humanidade. Escrupulisam em matar um animal qualquer, mesmo uma formiga, ou o mosquito que lhes suga o sangue. Em certas epochas do anno compram as pessoas ricas barcas cheias de peixe, que fazem logo deitar no rio, pelo unico motivo de commiseração pelos animaes. É pelo mesmo que o rei prohibe a caça e a pesca todos os dias 8.° e 15.° de cada mez.»

Este respeito por tudo o que tem vida na natureza, este horror ao morticinio, que, como já notou Alexandre de Humboldt, contrasta estranhamente com os sacrificios humanos que praticavam os mexicanos no novo mundo, é effeito da pratica do bouddhismo, que conta tão numerosos sectarios da India á quem do Ganges, na China, no Japão, e no reino de Sião.

Os siamezes vestem-se mui pouco, e as crianças em geral nada vestem absolutamente. Os cabellos

das rapariguinhas são de ordinario juntos no alto da cabeça, atados e presos por uma agulha de oiro, de prata, ou de porco espinho, conforme a fortuna dos paes. Os individuos mais velhos contentam-se com trazer uma trunfa de cabello no cimo da cabeça, e tudo o mais d'ella rapado. Os siamezes que contrahem o funesto costume de tomar opio, são condemnados pelas leis do paiz a deixar crescer o cabello, de modo que possam formar trança, como o fazem os chins da dynastia actual. O vestuario mais commum consiste n'um panno que parte da cintura, que se cruza por entre as pernas, e cujas duas extremidades vão juntar-se e prender-se por detraz. A parte superior do corpo fica habitualmente nua, assim como as pernas e os pés, á excepção dos mandarins que hoje usam uma especie de pantufos bordados. Os grandes senhores cobrem a cabeça com um turbante pyramidal, ás vezes mui elevado, preso com uma pequena correia por debaixo da barba. Algumas vezes tem por ornatos coroas de oiro ou de prata, insignia de honra concedida pelo soberano de Sião aos nobres do seu reino. Todos os siamezes tem por costume ennegrecer os dentes com ajuda d'um certo succo vegetal, a fim, dizem elles, de se distinguirem da massa dos animaes, que tem os dentes brancos. O trajo das mulheres é um pouco mais complicado: além do panno que lhes desce da cintura, embrulham-se n'uma especie de mantilha de seda, cujas duas pontas lhes cáem por detraz sobre as espaduas: demais, conforme são muito ou pouco ricas, assim se carregam de mais ou menos odornos de oiro e prata, com pedras preciosas, em braceletes, aspas, brincos das orelhas, e anneis. Entretanto assim como os homens, não andam calçadas.

A mobilia da gente do povo consiste n'algumas esteiras de junco, sobre as quaes os thaïs tem o costume de se sentarem com as pernas encruzadas como os musulmanos; e além d'isso n'algumas taboas, levantadas um pouco acima do chão, que lhes servem de cama. Armas, vasos, e outros utensilios domesticos, completam todo o seu trem.

A população do reino de Sião segundo calculos aproximativos será de 6 milhões d'almas, 3 milhões e meio de raça indigena, e o resto de chins e malaios. Numerosas porções de territorio estão inhabitadas, outras não tem senão um numero de habitantes extremamente minimo em relação á sua extensão. O interior do paiz é ainda mui imperfeitamente conhecido, e quanto mais nos alongamos das costas do mar, tantos mais logares se encontram inexplorados pelos viajantes europeus.

Bangkok, capital do reino, e séde do governo siamez, é de construcção mui recente. Conta mais de 400 mil habitantes, comprehendendo muitos estrangeiros, entre os quaes é preciso, sobre todos, contar os chins, que formam pouco mais ou menos metade da população. O palacio do primeiro rei, levantado sobre as ribas do rio Mé-nam, é fechado por um cinto d'altas muralhas, e rodeado de postos militares encarregados da sua guarda. A sua architectura, de caracter particularissimo, é mui alegante: apresenta edificios, cujo cimo é ornado de numerosas esculpturas, sotopostas a flexas elevadas, guarnecidas tambem de ornamentos variados. A maior parte d'estas flexas resplandece com o brilho do oiro que as cobre. As outras partes dos edificios são egualmente notaveis pelas pinturas de diversas especies, devidas á arte particular dos pinceis indigenas. — «N'este vasto recinto do palacio (diz mr. Pallegoix) ha um tribunal, um theatro para comedias, a bibliotheca real, immensos arsenaes, estrebarias para os elephantes brancos, outras para os cavallos de estimação, e armazens de todas as cousas. Tambem ha ahi um soberbo pagode, cujo pavimento é coberto de esteiras de prata. N'elle estão dois idolos, ou estatuas de Boudha, uma de oiro massiço de quatro pés d'alto; outra feita d'uma só esmeralda, d'um covado de comprido, avaliada pelos inglezes em 200 mil piastras (cerca de 200 contos de réis).»

Quanto ás habitações dos particulares são ellas commummente de madeira e elevadas sobre pilares como prevenção ás inundações. Tambem as ha construidas de tijolo, e estas são as mais procuradas, por serem menos sujeitas a provocar esses tristes incendios, que devastam frequentemente centenas de habitações n'um só dia. As dos pobres são construidas de bambus e cobertas de folhas de palmeiras, rodeadas de vastos e magnificos jardins, e disseminadas por aqui e por alli, sem ordem determinada.

As vias mais frequentadas na cidade são o rio, e os canaes, constantemente sulcados por juncos de fórmas variadas e extravagantes. Certo numero d'entre elles estão alinhados de cada margem e cheios de mercadorias de todas as especies, formando assim um longo bazar, onde os habitantes vão comprar as provisões e os demais objectos, que lhes são necessarios.

REI OU IMPOSTOR?

Chronica portugueza.

V.

São faceis de calcular os effeitos que a perda da batalha de Alcacer-quivir produziria em Portugal, quando todo o reino era lagrimas e lucto. Que fôra feito de D. Sebastião? Todos ficaram duvidosos, tanto da sua vida como da sua morte. De muitos modos se contava a derrota. Faziam-se sobre ella mil commentarios diversos. A voz de que o rei escapára com tres dos seus soldados, sem que ninguem soubesse onde parava, começou a correr. A difficuldade que oppunham os moiros ao resgate do cadaver augmentava estas suspeitas. Explicavam-n'a os sebastianistas pela impossibilidade de o encontrarem ou de o fingirem. Alguns accidentes mysteriosos, que pareciam conducentes a fazer crer que o rei vivia, não contribuiam menos a radicar no vulgo essa crença.

Não eram entretanto lagrimas, e scismas, e pobreza, os unicos males que affligiam Portugal. D. Sebastião morrêra sem successão. Restava um unico herdeiro ao throno: era o cardeal infante D. Henrique, seu tio. Mas na sua edade avançada, saude debilitada, estado sem filhos nem esperança de havel-os, viam todos novas calamidades. A idéa de que Portugal voltaria a encorporar-se na coroa de Hespanha, parecia apavorar o povo portuguez. Não se pôde por então fazer mais que acclamar o cardeal, e esperar que o tempo suggerisse remedio ás outras afflicções.

Occupado de novo o throno que vagára, apresentou-se ante o rei a allegar direitos á successão D. Antonio, prior do Crato, filho do infante D. Luiz. Para isso negava a bastardia que lhe suppunham, e assegurava ser filho legitimo do infante, que casára com sua mãe. Tudo foi porém baldado. Ou a paixão do cardeal, ou a parcialidade de todos, d'elle e dos juizes ecclesiasticos e seculares que ouvia, fez com que D. Antonio fosse sentenciado illegitimo, e presas como perjuras algumas de suas testimunhas. O caso não era para grande conformidade. O pretendente não desistiu; mas procurando augmentar o seu partido, ganhou a nota de desobediente, e uma sentença de desnaturalisação, desterro perpetuo, e confiscação de todos os bens que tivesse da coroa. Os naturaes do reino, que o servissem, acompanhassem, ou lhe dessem favor ou ajuda, directa ou indirecta-

mente em qualquer parte que estivesse, incorriam nas mesmas penas.

Falto de apoio maior, mas sem desfallecer, teve D. Antonio de abandonar Portugal.

Desembaraçado d'este pretendente, e conhecendo a pouca vida que lhe restava, tratou o cardeal rei de reunir cortes, que madura e detidamente tratassem da successão. N'essa conjunctura como podia esquecer-se Filippe II do que tanto convinha á systematica ambição da casa d'Austria? Lembrou-se de ouvir a faculdade de theologia da universidade d'Alcalá, e outros homens doutos e entendidos. Ouviu-os, e elles declararam o seu direito ao reino de Portugal. E como não declarariam! Depois escreveu á cidade de Lisboa, dando-lhe conhecimento do direito que lhe assistia, promettendo ao reino, quando D. Henrique faltasse, mercês, e governo paternal. Isto foi o que se viu. Do que se não viu a historia é larga, e nem vem ao caso.

As pretenções eram entretanto muitas: as opiniões dividiam-se: os partidos multiplicavam-se.

Nem só havia partidos de pretendentes vivos: o partido, que jurava na existencia do rei desapparecido em Africa, tomava tambem incremento. E, ou preparasse os factos, que deixavam muitos perplexos e indecisos; ou os factos, vistos á luz de certas crenças, viessem alentar o partido, a verdade é que no mais acalorado das pretenções á successão, parecia vogar, popular e triumphante, a idéa de que D. Sebastião vivia disfarçado em Portugal. Vêde o que occorre cinco mezes depois da derrota d'Africa, e, para crel-o, julgareis se faltavam fundamentos, ao menos apparentes.

VI.

— Sr. Mendo.... sr. licenciado....

— Meu rapaz.

— Querem fallar-vos lá em cima. Minha ama parece afflicta, e espera por vós.

— Adoeceu?

— Não m'o disse, nem se queixa.

— Que descance, e breve serei com ella.

Era na praia da Torre Velha, do outro lado do Tejo, fronteira a Belem, que acabavam de trocar-se estas poucas palavras. N'este tempo um dos interlocutores ausentou-se apressado, e o dialogo acabou. O personagem que ficára na areia, meio admirado, era o bem conhecido medico Mendo Pacheco: o outro, que já desapparecêra por entre uma ravina, e subia a encosta mais proxima, um criado da viuva de Christovão de Tavora, d'esse fidalgo que fôra mui privado do rei D. Sebastião, e com elle e por elle se perdera em Africa.

Pouco depois o facultativo afastava-se da praia em que o rio se espreguiçava docemente, alargava o passo, e galgava a collina onde estava a habitação em que D. Francisca Calva residia.

Com semblante anciado e temeroso já o aguardava a nobre dama, no mais alto da escada, quando elle subia. Toda a sua esperança se cifrava em Mendo Pacheco: fóra da sua dedicação e fidelidade, não havia encontrar descanço á inquietação mortal que a consumia. O medico conheceu toda a tribulação d'aquelle espirito, e, depois das saudações de preceito, disse-lhe, compondo o accento e a physionomia, de modo que lhe inspirasse confiança:

— Aqui me tendes, senhora. Ordenar e esperar que eu cumpra o que mandardes, é cousa de que não é licito duvidar a quem tão de perto me conhece como vós.

— Mestre, o meu desassocego é grande; mas tem remedio, e remedio lhe podeis dar. Venha elle, entretanto, com promptidão, que o tempo e o caso não comportam demoras. Comprazeis?

— Fallae....

— A esta hora em Guimarães, na Serra do Carneiro, n'uma casas palhoças, padece um ferido que nos interessa... É bem longe, não é assim?... mas não tem ninguem de quem possa confiar-se. Ireis em seu soccorro?

— E esse homem....

— Descançae. Sabei que é de alta cathegoria, e isto vos baste. Póde livrar-nos de qualquer embaraço em que nos achemos.

— Algum poderoso....

— Muito.... muito.... mas isso nada faz agora ao caso: pessoa pouco importa: se soubesseis quem é!... Lembrae-vos só que não póde por muito tempo prescindir dos vossos auxilios. Partireis?

— Partirei, senhora. Nem pelo transtorno que esta viagem inesparada póde causar-me, tenho eu alma que resista á vossa supplica.

— Bem! (disse D. Francisca) Agora uma ajuda para a jornada.

E acrescentando estas palavras ás ultimas despedidas, estendendo a mão ao medico, apertou-lh'a, deixando n'ella uma bolsa onde o oiro reluzia por entre a malha.

Mendo Pacheco agradeceu, e saiu. Breve transpoz o Tejo, e foi chegado a Lisboa. Em poucas horas tinha tudo preparado para a jornada, e ia caminho de Guimarães, onde quasi sem tomar folego chegou cinco dias depois.

Tocando quasi o termo da estrada real, que vinha directamente de Penafiel, descobriu, encostado a um dos lados do caminho, um homem que todo era observação e cuidado. O desconhecido parecia esperar outro desconhecido. A apparição de Mendo Pacheco d'aquelle lado, o seu ar doutoral, a fadiga que lhe estava pintada no rosto, e o desalinho em que vinha, mostrando que viajára sem treguas, reanimou o individuo que alli estanciava, e os olhos, cançados de olhar tanto tempo em vão, reluziram electricos.

— Sr. facultativo! (disse elle saltando alegre ao meio da estrada, e embargando o passo á mula fatigada).

— Adivinhaes (acudiu logo Mendo Pacheco), que adivinhar é acertar com o nome de quem se não conhece! Mas, dizei-me, em que vos praz o encontro de um facultativo esperado n'este logar e a hora tão matinal?

— Sabeil-o tambem como eu (disse o desconhecido). Venho para guiar-vos. Não é verdade, que tanto o meu como o vosso negocio, quando não fossem um mesmo, eram ambos de segredo?

Mendo Pacheco, vendo n'estas palavras uma senha segura, fez com a cabeça signal de intelligencia. O desconhecido soltou a redea da mula que sofreava com a mão, e ambos, desconhecidos-reconhecidos, foram caminhando a par, sem que a besta ganhasse sobre o caminheiro maior expedição.

As palavras mysteriosas que ouvíra da bocca de D. Francisca, na Torre Velha, não tinham satisfeito a curiosidade do medico. Como homem, não differia da natural curiosidade da mulher, senão nos meios que sabia empregar para disfarçal-a. Como medico, as exigencias da vida lhe tinham costumado o espirito á mais escrupulosa indagação. Por isso o licenciado Mendo lembrou-se de interrogar arteiramente o seu guia, a ver se obtinha revelação que o instruisse sobre o que envolviam em tamanho mysterio.

As diligencias foram, porém baldadas. As respostas que obteve deixaram-lhe o espirito na mesma duvida, que o desconhecido ou ignorava effectivamente, ou fingia ignorar, tanto como Mendo Pacheco, quem era o personagem enfermo.

Chegaram em fim ao termo da jornada. Apeados á porta de uma casa de pobre apparencia, mas interiormente adornada com a arte e commodidade pos-

siveis, entraram. Quatro homens, todos desconhecidos, appareceram a receber o medico; e, reconhecida bem a sua identidade, o introduziram n'uma pequena casa interior, onde estendido sobre uma cama estava um homem, a quem uma como mascara de tafetá escuro, cobria a maior parte do rosto.

O medico aproximou-se do leito. Os desconhecidos levantaram a roupa da cama, tanto quanto bastasse para que visse a perna direita do enfermo. Na barriga da perna, pouco acima do tornozelo, lhe apparecia uma ferida, ao que mostrava obra d'arma de arremesso, mas já tão inveterada e ulcerosa, que quasi tocava o termo da gangrena. Mendo Pacheco viu tudo attentemente, e perguntou que applicações tinham feito até alli. O doente permaneceu mudo, nenhum dos quatro fallou, mas um d'elles lhe apresentou uma pequena caixa de prata com unguento.

— É só d'isto que tem usado? (perguntou o medico).

— Só d'isto (respondeu um). Teve que caminhar muito, e foi impossivel até agora proporcionar-lhe outros medicamentos.

Reparando no laconismo das respostas, e economia de palavras que n'aquella casa se fazia, o medico teve por melhor partido começar o curativo, obrando e calando como todos os que o rodeavam. Concluida esta primeira operação, conduziram-o a outra casa, em que devia alojar-se, até que tivesse completado a cura. Foi alli que os quatro desconhecidos lhe fizeram algumas perguntas sobre o estado politico do reino, sobre o governo de D. Henrique, e modo de pensar dos povos, a que hoje se chama opinião publica, e não é opinião senão mui particular. Mendo Pacheco respondia o que sabia, ou presumia saber, mas sempre embaraçado, porque, além de fallar a desconhecidos, que raramente inspiram confiança a prudentes, tinham elles as palavras tão animadas, as vistas tão significativas, e o proceder tão mysterioso, que temia deslisar em cousa que os desgostasse. O enfermo, esse só o via quando o pensava, e sempre com o rosto coberto, sem que tivesse outras palavras para lhe dirigir, senão as de — «Então? sararei depressa?» — Estas abertas aproveitava-as sempre Mendo, procurando entabolar conversação, dando boas esperanças ao enfermo, fallando-lhe da sua ferida, e dirigindo-lhe perguntas indirectas. Mas o paciente não soltava palavra, e todos os seus esforços eram vãos. Em vinte dias que lhe assistiu só pôde conhecer por suas observações physicas que o ferido era joven, mas nunca em todo este tempo ouviu pronunciar o nome d'elle, nem o de nenhum dos quatro que o acompanhavam.

Conheceu em fim que a ferida estava proxima a cicatrizar. Participou-o aos assistentes, dizendo-lhes que para a curar de todo bastaria agora a applicação do unguento contido na caixa de prata. A sua estada alli não era indispensavel para o resto. Depois despediram-se. Agradeceram affectuosamente o serviço do medico, mas não lhe deram retribuição alguma, nem carta, mas sómente recado verbal para D. Francisca, agradecendo-lhe o auxilio que tão opportunamente enviára ao enfermo.

Confuso e cheio de curiosidade saiu o medico, sem mais esperança para esclarecer suas duvidas, do que o que agora podesse colhêr de D. Francisca, quando se lhe apresentasse de novo na Torre Velha. Fez o que premeditou. Poucos dias depois viram-se e praticaram largamente. Mendo Pacheco declarou-lhe a suspeita que tinha de haver curado el-rei D. Sebastião; mas a dama, sorrindo alegremente, o importunava com perguntas sobre o estado do doente. Entretanto não escapou ao medico que ella lhe perguntasse se entre os que acompanhavam o ferido vira seu marido. A resposta foi negativa, e respondeu a verdade. N'isto ficaram ambos, sem que se adiantasse cousa alguma no particular das confidencias. Despediram-se, Mendo Pacheco para recolher a Lisboa, trazendo mil protestos de agradecimento pelo serviço que prestára: D. Francisca, para ficar, ao que mostrava, mais tranquilla e esperançada no retiro em que vivia.

Ainda que o medico nada tivesse podido averiguar, nem por isso deixou de referir a amigos a aventura e as duvidas em que entrara. Passou de bocca em bocca a relação, que depois se converteu em evangelho, assegurando-se á bocca cheia, que D. Sebastião vivia ainda, e que o licenciado Mendo Pacheco o curara em Guimarães; crença que em pouco chegou a tal extremo, que nas cortes, que D. Henrique convocou, e em que foi jurado rei, appareceu um escripto em que se assegurava isso mesmo.

O progresso d'estas idéas pareceu ao cardeal rei que devia atalhar-se. O licenciado Mendo Pacheco foi preso. Interrogado, referiu lhanamente o que lhe succedera, não só diante do juiz, mas tambem na presença do rei, que quiz ouvir o caso da propria bocca do medico. As provas de ser elle auctor do escripto apresentado ás cortes, e o propagador da noticia de que D. Sebastião vivia, eram difficeis de colhêr, e não se colheram; mas Mendo foi lançado n'uma galé com grossa cadeia, ainda que dentro em pouco se lhe alliviou esta pena, e se lhe incumbiu o tratamento dos forçados enfermos.

Ao cabo de algum tempo obteve a liberdade; mas castigo foi este que por então acalmou alguma cousa as falladas do vulgo, ainda que não pôde tirar-lhe absolutamente a idéa de que D. Sebastião vivia e andava escondido.

(Continúa).

THEATRO FRANCEZ EM CONSTANTINOPLA.

Immediatas foram para a civilisação do imperio ottomano as consequencias da ultima guerra. Constantinopla, quando se proclamou a paz não era já a mesma cidade bisonha e embiocada, tantas vezes descripta com enfado pelos viajantes mallogrados na mais sensivel corda da sua curiosidade inconstante. As damas turcas ostentavam galas europeas pelas alamedas frondosas de Pera. Os costumes iam de hora para hora tomando a doçura da convivencia occidental. A inauguração de um theatro francez na corte de Abdul-Medjid foi para lá verdadeiro acontecimento. Teve logar a primeira representação no primeiro de abril de 1856 no palacio imperial de Dolma-Bagtché. Eram directores Datezny e Felicien. A primeira amostra que deram da sua habilidade foi no improvisarem scenario e decorações, transformando as ricas salas do palacio com biombos, cortinados e varios moveis preciosos em luzido theatro. A orchestra ficava á direita da scena e a sala resplandecia toda com lustres e candelabros de grande valor. O imperador tomou logar defronte do palco; junto d'elle e do outro lado, estavam os officiaes da sua casa vestidos com extraordinaria magnificencia. Recitado um elogio em verso por um dos directores, cortezia que o sultão soube agradecer como cavalheiro que é, seguiu-se o espectaculo. A primeira comedia, isto é, a primeira comedia franceza representada na Turquia foi *Une épreuve avant la lettre*, que é mui chistosa. A scena comica *Je suis enrhumé du cerveau*, e a farça *Un service à Blanchard*, terminaram o divertimento. O sultão, as princezas imperiaes, e a corte deram aos comediantes francezes não equivocas mostras do quanto lhes agradára aquelle espectaculo, brindando-os bizarramente.

L.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa-Vista, 4 F.